

# O Cerco do Porto e a Guerra Civil de 1828-1834, épico de resistência nas narrativas anglo-saxónicas

Sérgio Veludo Coelho<sup>1</sup>

## Introdução

Este texto pretende trazer alguns contributos para outras visões do Cerco do Porto, decorrido entre 9 de julho de 1832 e 25 de agosto de 1833, antes do teatro de operações da Guerra Civil passar para o sul do País e se concluir em Évora-Monte, com o armistício entre D. Pedro e D. Miguel. Este conflito que em Portugal se designa como Guerra Civil ou Guerras Liberais, ou como é conhecido na historiografia anglo-saxónica, aqui importante como repositório das fontes narrativas do conflito, *The War of the Two Brothers* ou ainda *The Miguelite Wars*. Tratamos, ainda que numa análise não aprofundada, uma das mais interessantes narrativas inglesas, que é a de Wiliam Bollaert, F.G.R.S (1807-1876)<sup>2</sup>, com particular ênfase no primeiro volume com o título de *The Wars of Succession of Portugal and Spain, from 1826 to 1840: With Résumé of the Political History of Portugal and Spain to the Present Time* (1870). Mas também serão referidos como bases de partida para uma linha de investigação outros narradores e participantes no conflito como *A Narrative of the Naval Part of the Expedition to Portugal, Under the Orders of His*

1. Professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

2. Fazemos notar que as transcrições da narrativa de William Bollaert foram por nós realizadas e adaptadas tendo em mente um melhor entendimento dos contextos por parte do leitor.

*Imperial Majesty, Dom Pedro, Duke of Braganza* (1833), pelo Capitão de Marinha Mins, servindo na Esquadra Liberal, de D. Pedro, e sob o comando do Almirante Sir George Sartorius. Mas a lista é extensa no contexto dos britânicos vindos para o Porto. As narrativas do Almirante Sir Charles Napier, que comandaria a Esquadra Liberal, depois da saída de Sir George Sartorius, com a sua obra de dois volumes *An Account of the War in Portugal between Don Pedro and Don Miguel* (1836) são bastante esclarecedoras quanto ao desenrolar das operações navais na Guerra Civil, sobretudo da Batalha do Cabo de S. Vicente, travada em 5 de julho de 1833, e em que venceu a superior esquadra miguelista. Também de referir as memórias do Cabo Knight, que tendo estado em Portugal na Guerra Peninsular, retorna ao Porto em 1832, para escrever *The British Battalion at Oporto: with Adventures, Anecdotes, and Exploits in Holland; at Waterloo; and in the Expedition to Portugal* (1834). Outros autores são igualmente importantes tais como James Edward Alexander com o seu *Sketches in Portugal, during the Civil War of 1834* (1834), Lloyd Hodges com a sua *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, under the orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza* em dois volumes e publicados ainda em 1833, passando pelo escocês Coronel Charles Shaw com *A Narrative of the War for Constitutional Liberty* (1837). E o relato do Cerco do Porto da autoria de um inglês que já vivia na cidade sitiada, o Coronel Hugh Owen, que já mereceu traduções para língua portuguesa a partir da sua versão original, editada em Inglaterra em 1836.

Porquê o focalizar nas operações militares do Cerco do Porto, embora muitas destas narrativas continuem para os teatros de operações do sul de Portugal e mesmo até à 1.ª Guerra Carlista em Espanha? Pelas questões que se levantam para a análise dos aspetos operacionais militares em que a narrativa inglesa se destaca pela objetividade com que revestia os relatos e memórias das operações de combate. Esta objetividade revelava discrepâncias entre esta narrativa estrangeira e a historiografia nacional, sobretudo em aspetos de ordem militar, substanciada nas edições contemporâneas sobre o Cerco do Porto e a Guerra Civil por parte de Simão José da Luz Soriano ou um pequeno, mas importante, livro anónimo *O Cerco do Porto visto por um Portuense*. Essas discrepâncias surgem em detalhes tais como o número de homens do Exército Liberal saídos da ilha Terceira, que a historiografia nacional refere como os 7500 *bravos do Mindelo* e a narrativa inglesa aponta, de forma unânime, para um efetivo de 8300 homens. E nas leituras podemos verificar que a narrativa inglesa permite ter uma visão

quase cronológica do desenrolar das operações de fortificação da cidade do Porto e dos combates que aí se desenrolaram durante um ano. Este texto focaliza-se à narrativa anglo-saxónica, mas deixamos em aberto que outras existem, da autoria de italianos como Tito Omboni, de franceses como o Barão de St. Legér ou o *Relatoire Clouet* (1833) pelo lado liberal ou o Barão de Saint-Pardoux pelo lado Miguelista, e ainda de Jean Lorette, *Les Expéditions militaires belges au Portugal en 1832 et 1834*, ou J. Th. Timmermans, com *Les Tirailleurs belges au service du Portugal en 1832 et 1831*, Gand (1900), e Le Charlier com o seu *Campagne de six mois dans le royaume des Algarves en Portugal*, Bruxelles (1834), da autoria de oficiais belgas do Exército Liberal.

## Breve antecedente

Foi uma tendência, até ao fim do século XIX e primeira metade do século XX, dar mais destaque às vitórias liberais e aos seus pormenores, sendo amplamente descritos em muitas publicações oficiais e narrativas/memórias, especialmente profícuas da parte de oficiais ingleses ao serviço do Exército Libertador como William Bollaert, Lloyd Hodges, Charles Shaw, Lovell Badcock ou Charles Napier, mas também de belgas como Timmermans, italianos como Tito Omboni ou franceses como o Barão de Saint-Pardoux, este último ao serviço de D. Miguel, o estado e a evolução quotidiana das linhas defensivas de D. Pedro na cidade do Porto.

Neste texto que apresentamos optamos por descrever a partir, sobretudo da narrativa de Bollaert, as operações militares que respeitam ao Cerco do Porto entre 1832 e 1833 e as relacionadas com o teatro de guerra a norte, com incidência no Minho, já em 1834.

A Guerra Civil poderá ter como ponto de partida de operações militares de larga escala o golpe liberal, a Belfastada, em 1828, uma tentativa falhada de derrubar o Governo absoluto de D. Miguel, ele próprio alçado ao poder por via de golpe de natureza militar. Na verdade, será um exército português que se irá dividir em dois, na perspetiva do oficial de origem inglesa contratado para servir no exército de D. Pedro, William Bollaert, que na pesquisa efetuada nos elementos disponíveis, nos fornece uma série de dados biográficos que o caracterizam como

viajante, explorador na América do Sul, aventureiro e por caminhos que o levam à nossa Guerra Civil e à sua participação no Cerco do Porto<sup>3</sup>.

THE  
WARS OF SUCCESSION  
OF  
PORTUGAL AND SPAIN,

FROM 1826 TO 1840:

WITH RÉSUMÉ OF THE POLITICAL HISTORY OF PORTUGAL AND SPAIN  
TO THE PRESENT TIME.

MAPS AND ILLUSTRATIONS.

BY  
WILLIAM BOLLAERT, F.R.G.S.

CORR. MEM. UNIV. CHILE; STRONG. SOC. LONDON, NEW YORK, ETC.

VOL. I.—PORTUGAL.

CONTAINS ACCOUNT OF THE SIEGE OF OPORTO, 1822.

LONDON:  
EDWARD STANFORD, 6 AND 7, CHARING CROSS, S.W.

1870.

[THE RIGHT OF TRANSLATION RESERVED.]



Fig. 1. Frontispício da obra de William Bollaert

Fonte: Universidade da Califórnia via Google Books (formato digital)<sup>4</sup>

3. BOLLAERT, 1870a.

4. Disponível em <[https://books.google.pt/books?id=G3UNAQAIAAJ&pg=PR1&dq=William+Bollaert+The+Wars+of&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKewjn\\_laqt63wAhVPyYUKHTu2AuwQ6AEwAHoECAEQAg#v=onepage&q=William%20Bollaert%20The%20Wars%20of&f=false](https://books.google.pt/books?id=G3UNAQAIAAJ&pg=PR1&dq=William+Bollaert+The+Wars+of&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKewjn_laqt63wAhVPyYUKHTu2AuwQ6AEwAHoECAEQAg#v=onepage&q=William%20Bollaert%20The%20Wars%20of&f=false)>.

## A Narrativa da Guerra

Ficando na sombra de outras narrativas mais famosas da guerra entre os dois irmãos (*The War of the Two Brothers*) como as do Coronel Owen, do Almirante Sir Charles Napier, e muitos outros já mencionados no início deste texto, a narrativa de Bollaert merece ser abordada pela visão explícita e objetiva que confere à descrição da guerra. Por isso, colocamos esta narrativa como um exemplo de capacidade de síntese dos acontecimentos dos teatros de operações da Guerra Civil, desde o Cerco do Porto às campanhas no sul de Portugal, não hesitando em fornecer dados estatísticos, testemunhos na primeira pessoa e apreciações no âmbito do seu próprio percurso no Exército Liberal.

William Bollaert acompanha as tropas do Exército de D. Pedro, integrado inicialmente no Batalhão de Marinha, que consistia nas tropas inglesas e escocesas recrutadas em Inglaterra de forma algo ilegal, já que lhes era proibido servir em exércitos estrangeiros. Nestes 600 homens, ainda com os seus uniformes do exército britânico (não envergaram fardamentos de origem portuguesa), estava uma pequena unidade designada de *Gentleman Rifle Cadets*, onde Bollaert estava destacado.

Um dos destaques mais pertinentes desta narrativa é a atenção que William Bollaert dá aos progressos nos teatros de operações militares. Exemplo de tal é a menção à evolução do Exército Liberal desde o desembarque de 8 de julho de 1832 até maio de 1833, ainda sitiado no Porto, e que pode ser vista nesta lista abaixo. Esta lista foi baseada na publicada por William Bollaert nas suas memórias *The Wars of Succession of Portugal and Spain, from 1826 to 1840: With Résumé of the Political History of Portugal and Spain to the Present Time*, enquanto servia no *Gentleman Rifle Cadets* durante o Cerco do Porto. Citando Bollaert (1870), «Ao mesmo tempo, o número de defensores do Porto era aproximadamente o seguinte» (Traduzido e adaptado pelo autor para melhor compreensão):

<b>O Exército Liberal de julho de 1832 a maio de 1833 (Bollaert)</b>	<b>Efetivos</b>
<b>Regimentos de Linha Portugueses</b>	
Infantaria 6	600
Infantaria 10	600
Infantaria 18	500
<b>Caçadores</b>	
Batalhão de Caçadores 2	400
Batalhão de Caçadores 3	400
Batalhão de Caçadores 5	400
<b>Unidades de Estrangeiros e Batalhões de Voluntários</b>	
1.º Regimento de Voluntários da Rainha (Portugueses, Franceses, Belgas, estes tendo formado antes o Batalhão de Atiradores Portugueses)	1950
2.º Regimento de Voluntários da Rainha (Alemães, Polacos e Italianos)	650
1.º Batalhão Inglês (antigo Batalhão de Marinha)	200
2.º Batalhão Inglês	300
Batalhão Escocês e os Gentleman Rifle Cadets	140
Regimento de Lanceiros de Bacon	200
Batalhão Irlandês	330
Regimento de Dodgin's	300
Corpo de Artilharia (tropas portuguesas e estrangeiras)	1000
Corpo de Voluntários Acadêmicos (Portugueses)	150
Corpo de Oficiais de Cavalaria (Guias do Estado Maior?)	80
<b>Voluntários Nacionais e da cidade do Porto</b>	
Batalhões Móveis	400
Batalhões de Voluntários da cidade (fixos)	5000
<b>Total de Efetivos do Exército Liberal no Porto em maio de 1833</b>	<b>14 300</b>

Esta transcrição da tabela da autoria de Bollaert, demonstra o crescimento dos efetivos da guarnição liberal do Porto, desde a sua entrada na cidade, a 9 de julho de 1832, com 8300 homens, sendo possível verificar quase um ano depois que o número de homens nas fileiras subiu para os 14 300, mercê da incorporação dos Batalhões de Voluntários Móveis e Fixos da cidade do Porto, com 5400 homens e a chegada de mais estrangeiros, nomeadamente os voluntários belgas, que haviam desembarcado em S. João da Foz em janeiro de 1833. Ainda assim, e na nossa análise aos efetivos de cada unidade, verificamos que as unidades em escalão de regimento tinham uma média de 600 homens, o correspondente a

um batalhão e não dois como era norma na organização do exército português desde a Guerra Peninsular. Existem exceções nos dois sentidos opostos da quantificação dos efetivos. O 1.º Regimento de Voluntários da Rainha com 1950 homens, de acordo com os números enunciados por Bollaert, o que implicaria a estrutura de quase três batalhões e que mais tarde levaria ao seu desdobramento em dois regimentos com dois batalhões cada. Num sentido oposto estavam o Batalhão Escocês, onde se incluíam os *Gentleman Rifle Cadets*, com apenas 140 homens e outras unidades vindas de Inglaterra que estavam com os efetivos abaixo do escalão de batalhão, entre os 200 e os 300 homens, dividindo-se de forma regionalista, com uma clara distinção entre irlandeses, escoceses e ingleses.

Os *Gentleman Rifle Cadets*, onde William Bollaert foi colocado como oficial, era uma pequena unidade inicialmente composta por 40 homens, integrada no Batalhão Escocês:

*No dia 10 da nossa festa, cerca de quarenta em número, foram ordenados para o desfile do Seminário, o quartel do maior número de ingleses, os senhores voluntários — agora denominados Dom Pedro's Rifles, sendo considerados como cadetes. Dom Pedro veio com Sir J. M. Doyle, fazendo uma longa e atenciosa visita para inspeção*<sup>5</sup>.

De acordo com as suas descrições, os *Gentleman Rifle Cadets*, usavam casacas e calças verdes, com golas, punhos e vivos pretos, tal como os uniformes de 1830 da *Rifle Brigade* britânica, não mostrando quaisquer cedências a gostos portugueses ou de outra nacionalidade. A única concessão uniformológica era, tal como em todas as outras unidades de estrangeiros, que seguindo o exemplo inglês traziam os seus uniformes nacionais, a colocação da roseta azul e branca da Monarquia Constitucional Portuguesa nas suas barretinas ou coberturas de cabeça. Bollaert, na sua narrativa, não faz qualquer menção à cobertura de cabeça. Teria sido usada uma barretina ou um boné de caserna — num desenho de Vanzeller, a preto e branco, hoje no Arquivo Histórico Municipal do Porto, surge um soldado que reúne todas as características descritas e está com uma barretina de topo de sino. No entanto, Bollaert é bastante claro quanto ao uso das carabinas estriadas, de fecho de pederneira, modelo *Baker* que lhes foram entregues, armas com maior alcance que os vulgares mosquetes de infantaria

5. BOLLAERT, 1870a.

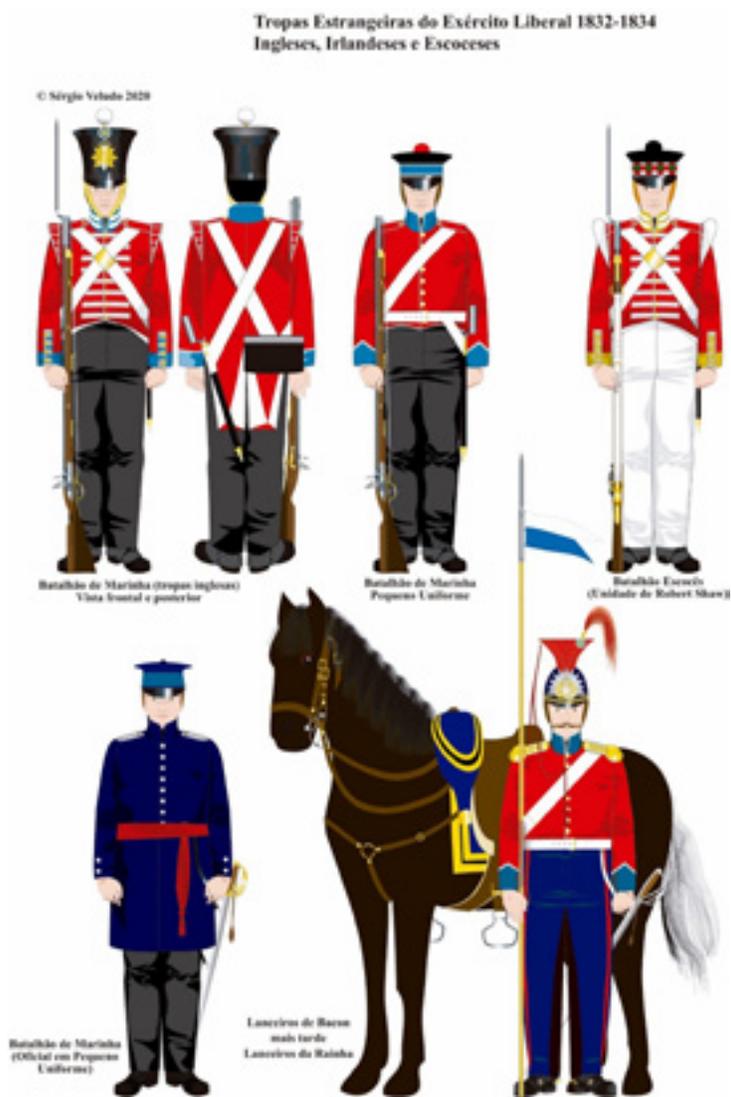
*Brown Bess India Pattern*, mas de manuseio mais complexo e requerendo mais treino e proficiência no seu uso.



**Fig. 2.** Ilustração representativa da unidade inicial de William Bollaert, *Gentleman Rifle Cadets*. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho

As restantes tropas britânicas são descritas em quase todas as fontes inglesas como vestindo as suas casacas vermelhas ou escarlates, como referido em Knight, Doyle, Napier, Hodges e em outras recordações e memórias de oficiais britânicos ao serviço do Exército Liberal. Se seguissem os padrões britânicos, as calças deveriam ser cinzentas ou brancas, dependendo da estação do ano. Não há uma menção clara às barretinas, mas os bonés de caserna (*forage caps*) com ou sem viseira seriam de uso comum, por serem de mais simples confeção e manutenção. As unidades escocesas também seguiram esta tendência de trazer os seus próprios uniformes de regulamento inglês, apesar de ser proibido por lei usá-los no serviço em exércitos estrangeiros. As fontes referem-se aos soldados escoceses como antigos membros dos 71st e 52nd *Light Infantry Regiments*, usando

as calças cinza, brancas e talvez nos padrões de xadrez *tartan* regimentais. Os bonés de caserna teriam usado uma faixa de lã de *tartan* regimental.



**Fig. 3.** Ilustração representativa das tropas vindas de Inglaterra para o Exército de D. Pedro. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho

## Bollaert como testemunha do Cerco do Porto

Os Miguelistas começaram a bombardear o Porto, iniciando uma rotina quase «*by-the-clock*» de assediar a cidade com fogo de artilharia pesada, principalmente de bocas de fogo de 24 e 36 libras, incluindo também obuses e morteiros de 5,5 polegadas. Em poucos meses, chegou ao Exército de D. Miguel uma boca de fogo pesada, destinada a arrasar o Porto, segundo a propaganda Miguelista da época. Tratava-se da peça *Paixhans*, o *Canhão Pechão* ou a *Papa-Malhados*, na gíria popular desse período. Era uma peça naval de 220 mm de calibre e capaz de projetar granadas de cerca de 30 kg a mais de 4000 metros. Fora adquirida em França por um apoiante Miguelista, João Paulo Cordeiro, negociante abastado de cordoarias, sabão e outros géneros.

Esta boca de fogo é objeto de uma descrição inconclusiva, uma vez que a maioria das referências históricas descreve a peça como um Canhão-Obus *Paixhans*, de origem francesa, mas William Bollaert descreve a peça de artilharia como tendo sido feita em fundições escocesas, o que nos levanta aqui uma questão sobre a verdadeira proveniência desta boca de fogo, mas a que ainda não foi possível responder. Esta peça de artilharia foi colocada em posição na zona alta do Candal, em Vila Nova de Gaia, mas devido a um deficiente manuseamento da sua guarnição, nunca chegou a causar grandes danos às posições liberais do Convento da Serra ou a atingir alvos de longa distância na margem norte do rio Douro, como o Palácio dos Moraes e Castro (ou dos Carrancas) onde D. Pedro tivera o seu Paço, antes de ser mudado para a mais distante Casa de Dona Laura Leitão, ao n.º 395 da rua de Cedofeita. Depois da guerra, a boca de fogo foi levada para a cidade do Porto como troféu, mas não há mais referências ao canhão *Paihxans*. Provavelmente terá sido enviado para Lisboa, para o Arsenal Real do Exército.

Com forte sentido prático e sabendo da experiência inegável de muitos dos oficiais estrangeiros ao serviço de D. Pedro, o Estado Maior Liberal com líderes como Saldanha e Bernardo de Sá Nogueira, logrou adquirir e partilhar experiências de combate com oficiais ingleses como Shaw, Bollaert ou Napier, belgas como Timmermans, italianos como Omboni ou franceses como St. Léger. Estes estrangeiros, mesmo não sendo protagonistas em termos de projeção pessoal, eram figuras-chave, não comandando unicamente seus contingentes de britânicos, escoceses, franceses, belgas ou italianos, mas ajudando os seus

camaradas portuguesas na instrução e aprontamento para combate dos Batalhões de Voluntários Móveis e Fixos do Porto. Muitos dos Batalhões Móveis eram de fora do Porto, como a unidade do Minho, que se formou com voluntários de Braga, Penafiel e Guimarães. Estes Batalhões Móveis deixaram o Porto para irem combater para sul, quando os teatros de operações se deslocaram para Lisboa e Alentejo, após o desembarque do Duque da Terceira no Algarve, dando um reforço substancial ao Exército Liberal que entraria em Lisboa a 24 de julho de 1833.

O recurso a estrangeiros também se verificou no adversário, que desesperava perante a obstinada resistência liberal. D. Miguel, provavelmente agastado com as contínuas querelas entre os seus generais como as sucedidas entre Álvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas e o General Manuel Gregório de Sousa Pereira de Sampaio, Visconde de Santa Marta, ou com o General Gaspar Teixeira de Lacerda, procurou um estrangeiro com experiência para assumir o comando das operações à volta do Porto e do Convento da Serra do Pilar, que já durava há quase um ano.

D. Miguel tinha consciência das dificuldades de alguns dos seus generais em se adaptarem a uma guerra de cerco prolongada e cuja doutrina lhes era estranha, e estava disposto a aumentar as possibilidades a seu favor, especialmente contendo a ameaça de propagação do movimento liberal para o resto do país, nomeadamente Lisboa e cidades costeiras, uma vez que as regiões interiores eram mais conservadoras e mesmo fervorosamente miguelistas. A escolha recaiu sobre um veterano das conquistas da Argélia em 1830 e ex-oficial dos exércitos napoleónicos em Portugal e Espanha, durante a Guerra Peninsular, Louis Auguste Victor de Ghaisne de Bourmont. Este veterano chegou a Portugal em abril de 1833 com um mandato da Santa Aliança, ou seja, a Áustria, a Prússia e a Rússia (monarquias absolutas e ideologicamente identificadas com os ideais miguelistas) para aconselhar e assistir D. Miguel nas operações de cerco em torno do Porto — uma condição para a Santa Aliança reconhecer D. Miguel como rei absoluto de Portugal.

O General Bourmont deparou-se com as bem-sucedidas obras de cerco dos Miguelistas com baterias e fortes capazes de montar um perímetro adequado de contenção à volta da cidade do Porto, fruto dos competentes oficiais do Real Corpo de Engenheiros. Os bombardeamentos ininterruptos ou o lançar de sucessivos ataques ineficazes por parte das divisões de infantaria e cavalaria miguelistas eram demonstrativos de operações mal concebidas, apesar de terem todos os

recursos que podiam desejar. Isto pode explicar a estratégia dos Miguelistas em simplesmente bombardear de forma indiscriminada e ininterrupta o Porto com granadas e bombas de grande calibre, tentando destruir o máximo possível de estruturas e quarteirões da cidade, antes de cometer grandes contingentes de tropas em ofensivas dirigidas às linhas fortificadas liberais, fortemente defendidas por uma guarnição cada vez mais motivada em defender a sua cidade. Esta pressão sobre o Porto nada mais fazia do que galvanizar a resistência dos portuenses e o aumento dos homens em idade de combater nos efetivos dos Batalhões de Voluntários.

Com este cenário, Bourmont planeia e arrisca uma ofensiva em larga escala, para enfraquecer e romper as defesas liberais, aparentemente desfalcadas com a saída da expedição para o Algarve, sob o comando do Duque da Terceira e mais 2500 homens. A 25 de julho de 1833, Bourmont lança a última grande ofensiva miguelista contra o Porto, e o primeiro ataque deste General francês à cidade desde que fora nomeado comandante do exército de D. Miguel no Norte.

Na noite de 24 de julho (no mesmo dia em que Terceira entrou em Lisboa), as forças miguelistas começaram a tomar posições com infantaria, cavalaria, caçadores e também a mover peças de artilharia de campanha para o que aparentemente eram pontos fracos nas defesas da cidade do Porto. Estes dispositivos posicionaram-se especialmente na frente da Quinta de Lordelo e da grande propriedade fortificada da família Vanzeller, da forma mais silenciosa possível.

Mas nessa noite o Marechal Saldanha estaria a inspecionar as linhas liberais próximas daquele sector e ouviu o barulho do ranger das carruagens de artilharia inimiga. Saldanha rapidamente percebeu que estava a ser preparada uma ofensiva miguelista, especialmente porque os dias anteriores tinham sido bastante calmos. Tal era muito pouco usual face às rotinas da artilharia de D. Miguel em assediar diariamente a cidade. Recolhendo informações em todas as linhas, Saldanha pediu rapidamente reforços para os pontos que pensava serem os alvos do ataque.

Relatava Bollaert nas suas memórias que pouco depois das 5h00 da manhã os Miguelistas fizeram um ataque em força às linhas de Lordelo, e contra a Quinta dos Vanzeller<sup>6</sup>. Em Lordelo, os esquadrões de cavalaria miguelistas aproximaram-se, escondidos por um pequeno bosque, em primeiro lugar a passo lento. Depois,

6. BOLLAERT, 1870a.

ao som dos corneteiros, saltaram um muro de pedra, galopando em direção às linhas liberais. O comandante da força de cavalaria, um oficial francês, à frente dos seus esquadrões, foi morto pelas descargas do fogo de mosquete dos defensores, juntamente com vários dos seus homens e montadas, o que travou o ímpeto da carga e os impediu de chegar à estrada alguns metros à frente.

Noutra zona, a infantaria de D. Miguel tomou uma posição liberal apenas para a perder novamente, não conseguindo manter a posição por resposta das tropas liberais que Saldanha havia enviado para reforço do sector. Os Miguelistas também carregaram sobre a forte posição da Quinta dos Vanzeller por diversas vezes, mas também aí foram repelidos. A nova bateria dos Miguelistas na Furada (Afurada), no lado sul do rio Douro, fez fogo durante toda a operação, tentando atingir a retaguarda das posições dos Liberais em Lordelo, e um canhoneio contínuo foi mantido por todas as baterias de ambos os lados, usando todo o tipo de munições, desde bala *raza* (esferas maciças de ferro), granadas e lanternetas (sacos de linho com dezenas de balas de mosquete no interior e de efeito devastador contra concentrações de infantaria ou cavalaria a curta distância). Também os foguetes *Congréve* foram amplamente utilizados por uma bateria liberal criada com artilheiros britânicos e portugueses durante o Cerco, com grande sucesso, aterrorizando a infantaria e a cavalaria miguelista, situação descrita pelas narrativas inglesas como a de Bollaert.

Às 9h00 da manhã os Miguelistas atacaram em força, a passo de carga, as linhas liberais no setor do Bonfim, vindos do vale de Campanhã. O Marechal Saldanha assumiu pessoalmente o comando da defesa daquele local, mais o seu Estado Maior. A coluna de infantaria miguelista, em passo de carga, tinha chegado à proximidade dos altos do Bonfim onde se situava a antiga igreja (no mesmo local da atual), quando Saldanha atacou as tropas inimigas, à frente do seu Comando e de 20 lanceiros do Regimento de Bacon. A inesperada carga da cavalaria liberal, utilizando especialmente os lanceiros, fez retirar a coluna Miguelista em completa desordem, de retorno às suas linhas, no vale de Campanhã e Valbom.

Às 14h00, o tiroteio e o canhoneio começaram a parar com todos os ataques dos Miguelistas repelidos, e Bourmont recuou nos seus planos para esmagar a defesa do Porto, com base em informação deficiente sobre os pontos fracos das linhas. As perdas do lado de D. Pedro ascenderam a entre 300 e 400 homens, e os

registos miguelistas das suas baixas foram perdidos, mas poderiam ter chegado a 2000 homens, ainda segundo Bollaert.

Os efeitos da derrota miguelista de 25 de julho não fizeram com que se levantasse imediatamente o cerco ao Porto, por se considerar que as tropas absolutistas no Sul poderiam lidar com as forças do Duque da Terceira. No entanto as retaliações do sucesso liberal não se fizeram esperar. A 16 de agosto de 1833, uma enorme explosão, seguida de mais pequenas, por volta das 12h00, fez com que os armazéns das Companhias inglesas de Vinho do Porto e mesmo da Real Companhia das Vinhas do Alto Douro, normalmente acusada de simpatia Miguelista, em Vila Nova de Gaia, ardessem, destruindo uma grande quantidade de vinho. Esta ação de vingança foi uma sabotagem deliberada dos Miguelistas em retirada, segundo as narrativas coevas de Lovell, Bollaert ou Owen. Durante o resto daquele dia, os Miguelistas começaram a retirar-se do norte do Douro. Na narrativa de William Bollaert todo este desenrolar das operações de combate foi amplamente descrito, tendo em conta, como atrás mencionado, que ele próprio estava destacado nos pontos centrais dos confrontos.

No decurso do Cerco do Porto e das restantes operações da Guerra Civil, William Bollaert, faz um relato vívido sobre a evolução das operações militares, inclusive descrevendo com objetividade as lideranças do Exército Liberal, como por exemplo, sobre as operações sob o comando do Duque da Terceira ou descrevendo a ação de Charles Napier, outro caso de estudo pelas narrativas que deixou na sua participação no conflito, desde que lhe foi entregue o comando da frota de guerra da marinha liberal<sup>7</sup>:

*Este foi um caso de soldado inteligente, e por sua própria conta. Ele gostava, evidentemente, da estratégia e tática militar. Ele gostava de escalar fortalezas e outras operações semelhantes. No dia 23 de Março, Napier comunicou a D. Pedro: Eu tomei o castelo e a cidade de Caminha, e estou marchando sobre Vianna. [...] Seguindo o seu sucesso, ameaçou o governador de Valença, que se não se rendesse em duas horas, traria o seu «trem de bateria». Ele não tinha uma arma. O «trem» era apenas um nome, o nome que ele deu, e que ganhou Valença. No dia 3 de Abril recebeu as chaves de uma fortaleza tão bem guarnecida e com artilharia, que deveria ter exigido*

7. BOLLAERT, 1870a.

*7000 a 8000 homens, com artilharia pesada, para a ter investido, pelo menos pro forma.*

Ainda das notas de William Bollaert<sup>8</sup>:

*Enquanto nós na flotilha estávamos a guardar o rio, o Almirante Napier foi com um esquadrão e tropas para o norte em Março. Ouvimos o seguinte da campanha do Almirante: — O governador espanhol de Vigo convidou Napier e os seus principais oficiais para um jantar. O principal objectivo deste jantar era passar o vinho livremente, e quando o governador estava de bom humor, pedir-lhe autorização para desembarcar alguns homens em Vigo; com o seu consentimento, alguns oficiais iriam retirar-se e prosseguir a bordo, estando os homens que compunham a expedição nos barcos à espera de ordens. Iriam aterrar e marchar a toda a pressa para o rio Minho, a linha de fronteira. Tudo isto se seguiu sem perda de tempo. Napier colocou-se à cabeça deles, fazendo directamente para o ferry que conduzia sobre o rio Minho até Caminha. Ele cronometrou a sua marcha a ponto de chegar à margem oposta ao cair da noite, quando todos os barcos foram calmamente tomados de posse, e vários homens enviados para surpreender e capturar o piquete, se possível sem disparar um tiro. Todos estes movimentos foram facilmente realizados, já que não se esperava a travessia de Espanha por nenhum inimigo. A contra-assinatura foi extorquida por ameaças. Toda a força foi agora trazida para solo português, uma forte guarda foi enviada para a entrada desta cidade amuralhada; o sinal correcto foi dado, os portões foram abertos, e a guarda, apanhada de surpresa, rendeu-se sem disparar um tiro.*

Segundo as recordações de Bollaert, Napier entrou na fortaleza de Valença com toda a sua força, tomando o arsenal principal, em frente ao qual se encontrava a casa do governador:

*O governador, ao ouvir um invulgar ruído de homens a subir a rua, correu para a sua varanda, seguido do seu ajudante de campo, e ao ver as casacas vermelhas dos fuzileiros, gritou Miguelistas! Às armas! — Miguelistas! Às armas! Um mosquete dos fuzileiros matou*

8. BOLLAERT, 1870a.

*o governador e outro o seu ajudante de campo, as duas únicas vidas perdidas na captura desta cidade fortemente fortificada. O arsenal foi imediatamente tomado e as suas armas apreendidas nas suas estantes. O lugar foi tomado. Um iate de pavilhão inglês, o «Scorpion», carregado de armas pequenas para D. Miguel, e comandado pelo Tenente Whitaker, R. N., que tinha chegado de Inglaterra na véspera, tornou-se um prémio.*

A 18 de março de 1834 foram lançadas novas ofensivas militares na província do Minho, sob o comando do Almirante Charles Napier, tanto em operações navais como terrestres. No dia 23 de março a fortaleza e vila de Caminha são tomadas por Napier, assumindo o controlo do rio Minho. No dia 27 de março o Coronel Sebastião Cabreira ocupou Santo Tirso, próximo do Porto, e abriu caminho para Braga, que foi ocupada no dia 2 de abril. No dia seguinte as forças liberais sob o comando do Duque da Terceira entraram na enorme fortaleza de Valença do Minho, assegurando o norte do país. A partir de então, os Liberais puderam avançar para as províncias do centro de Portugal, onde se verificava uma forte presença miguelista de tropas, milícias e de guerrilheiros. Após a captura de Valença, o Duque da Terceira liderou uma expedição em grande escala ao centro de Portugal e ocupou Viseu, Coimbra e Tomar. Apesar do seu grande número de simpatizantes, o exército de D. Miguel, sob o comando do General Guedes, agora com grave falta de alimentos e munições, retirou-se para leste, enfrentando o avanço das forças de D. Pedro.

Cidade após cidade, renderam-se a Napier *por carta*, como o próprio narrava. Com uma bandeira de tréguas, enviou as suas cartas aos vários governadores, exigindo a rendição no prazo de 24 horas, dizendo-lhes que a sua era apenas a guarda avançada. Estas autoridades sabiam da retirada dos Miguelistas do Porto e de Lisboa, estando retidos em Santarém. O Almirante Napier tinha controlado o litoral Norte, o Duque da Terceira e o General Torres continuavam em campanha, com sucesso, no Nordeste; o Barão de Sá da Bandeira estava no Sul em operações no Algarve e Saldanha no teatro de guerra de Santarém. D. Pedro saiu de Lisboa para o Cartaxo no dia 9 de abril, mas regressou imediatamente, tanto de má saúde como de mau humor. No dia 25 de março, o famoso defensor do Convento da Serra, o agora General Torres, saiu do Porto com a maior parte da guarnição, uma vez afastada a pressão sobre a cidade. Enviou uma coluna

para Braga, na aproximação da qual, o Governador miguelista Raimundo Jozé Pinheiro fugiu com o seu batalhão de monges voluntários, duas peças de artilharia, e alguma cavalaria, para Carvalho d'Este. Torres teve agora de lidar com os postos avançados do General Jozé Cardozo em Santo Tirso, expulsando-os. No dia 2 de abril, encontrou Cardozo colocado nas alturas do Lixa, onde atacou os Miguelistas, derrotando-o. Cardozo teve 112 baixas, muitos deles feridos, e perdeu as suas duas peças de campanha. Torres perdeu 100 homens, incluindo 12 oficiais. Os Liberais voltaram a confrontar-se com Cardozo na ponte de Amarante, depois de terem atravessado o rio Tâmega. Os Miguelistas colocaram-se numa posição forte sobre a ponte. Aqui Torres recebeu ordens no dia 6 de abril para entregar o seu comando ao Duque da Terceira, que tinha desembarcado no dia 3 de abril no Porto, com o Batalhão de Caçadores 12. No dia 11 de abril, ao amanhecer, uma parte da força de Terceira passou pelo Tâmega sob o comando do Coronel Queiroz. Uma outra força atravessou a ponte, apoiada pela sua artilharia, carregou o inimigo e desalojou-os. Os Liberais ganharam as alturas de Mesão Frio com o combate a seu favor, tendo perdido três vidas e alguns feridos, enquanto o inimigo perdeu 20 vidas no campo, alguns feridos e 100 prisioneiros. Os Liberais também encontraram duas peças de artilharia e muitas munições. Terceira seguiu o seu inimigo pelo caminho da Régua, já na província de Trás-os-Montes, mas os Miguelistas conseguiram fugir para Vila Real. No entanto, o Duque da Terceira alcançou as tropas miguelistas no dia 30 de abril em Castro Daire e derrotou-as em breve renhido combate. Os Miguelistas tiveram bastantes mortos e feridos e 120 prisioneiros e os restantes lograram retirar pela estrada de Viseu para Coimbra, na qual o Duque da Terceira entrou a 8 de maio, expulsando-os novamente.

Ainda descrevendo os teatros de operações que se entendiam agora em todo o território continental já a situar a narrativa na campanha de Santarém, Bollaert refere que o Duque da Terceira, em movimentos combinados com Saldanha e o General espanhol Rodil, enfrentou o inimigo nas alturas de Asseiceira, a cerca de 25 km a norte de Santarém. Os Miguelistas eram comandados pelo já referido General Guedes e contavam com cerca de 6000 homens, constituídos pelas tropas em retirada da divisão norte e por fortes reforços de Santarém, enviados por D. Miguel. O Duque da Terceira avança com a sua força em três colunas, lideradas pelo General Nepomuceno, pelo Coronel Queiroz e pelo Coronel Vasconcellos, a cavalaria comandada pelo Coronel Fonseca, todos antigos combatentes e endurecidos na guerra desde os Açores. O ataque foi

impetuoso, com cargas de infantaria maciças, cobertas pelos Caçadores, e a cavalaria de Fonseca esperando quebrar os flancos dos Miguelistas. A defesa desta era digna de homens desesperados, lutando na última esperança de uma causa perdida. Citando Bollaert:

*Um momento de ansiedade invadiu as tropas da Rainha, mas o Duque ordenou uma carga de cavalaria num momento crítico, e a confusão dispersou o bravo bando Miguelista, para não travar mais batalhas pelo seu mestre. Na manhã do dia 16 de Maio, ele marchou de Tomar pela estrada para Atalaia, e logo descobriu o seu inimigo nas alturas de Asseiceira, a cerca de 7 km de Tomar. O Coronel Queiróz avançou pela direita, Nepomuceno pelo centro, e Vasconcellos pela esquerda. As forças do General Guedes foram derrotadas em Asseiceira. Três coronéis, vários tenentes-coronéis e majores estavam entre os 64 oficiais feitos prisioneiros. Oito peças de artilharia ligeira caíram nas mãos do Duque. As tropas da Rainha perderam 284 homens, dos quais 22 eram oficiais. A evacuação de Santarém foi decidida, e as tropas Miguelistas recuaram sobre Évora. O inimigo, favorecido por terreno forte e pela artilharia, fez uma resistência vigorosa, e manteve durante muito tempo a posição que ocupava, fazendo repetidas cargas com a sua cavalaria em todas as oportunidades favoráveis. Foram repelidos pelas colunas direita e central, estreitamente formadas, com grande galhardia<sup>9</sup>.*

Os Miguelistas foram finalmente levados de vencida e obrigados a retirar-se pelas estradas de Punhete, Torres Vedras e pelas montanhas e vales adjacentes. Foram perseguidos pela cavalaria da Rainha Dona Maria II, que com uma carga puseram em fuga os esquadrões do inimigo, mataram e feriram um número considerável de homens e fizeram 1400 prisioneiros, incluindo 74 oficiais, 4 bandeiras de batalha e toda a artilharia e munições, compostas por 8 peças de campanha, principalmente de 6 libras. No dia 17, o Duque da Terceira esteve na Golegã, o Almirante Charles Napier ocupou Torres Novas e D. Pedro foi imediatamente para Santarém. Os Miguelistas evacuaram Santarém no dia 17, retirando-se para o Alentejo. O Marechal Saldanha tomou de imediato o controlo de Santarém. O Duque da Terceira e Saldanha, ambos atravessaram o Tejo, em pontos diferentes, com instruções para seguir o inimigo, concedendo

9. BOLLAERT, 1870a.

amnistias aos que depusessem as armas, e mesmo a D. Miguel, na condição de abandonar a Península. Os Miguelistas, assim rodeados, e a sua retirada para Espanha cortada pelo recém-nomeado Governo e instituições liberais daquele país, pararam finalmente em Évora Monte. D. Miguel ainda tinha um exército respeitável de 18 000 homens, mas sem munições nem artilharia.

*Perante o anel de ferro dos Liberais, as tropas Miguelistas depuseram as suas bandeiras e estandartes de batalha e as armas com que os tinham tão fielmente, tão entusiasticamente, e tão imprudentemente defendido<sup>10</sup>.*

Aceitaram amargamente os termos ditados por D. Pedro pela Convenção de Évora-Monte, em 26 de maio de 1834. No entanto os termos da rendição foram suaves e não consensuais entre o alto comando liberal. D. Pedro, em nome da sua filha, a Rainha Dona Maria II, impôs que os termos da rendição das tropas miguelistas fossem de clemência e perdão para todos, com liberdade para regressarem às suas casas, e a D. Miguel apenas abandonar Portugal para sempre.

Tanto D. Miguel como D. Carlos partiram de Portugal, de Sines, na fragata britânica *Stag*. D. Miguel acabou na Áustria via Itália — para nunca mais voltar. D. Carlos regressou a Espanha via Inglaterra. Em 20 de junho de 1834, em Génova, Itália, e antes de tomar a estrada para Viena, D. Miguel renunciou à Convenção de Monte Évora, mas nunca regressou a Portugal, falecendo em 1866. Finalmente, e após seis anos de guerra, a Rainha D. Maria II jurou defender a Carta Constitucional de 1826. Quatro dias mais tarde, em 24 de setembro de 1834, D. Pedro morre de tuberculose, angústia e dor, apesar da sua vitória militar. Os vários partidos liberais nunca lhe perdoaram o perdão ao seu irmão, Miguel. Um dos maiores desgostos que D. Pedro teve, foi numa visita ao Porto em 1834, com a sua filha a Rainha, e no Teatro Real, a plateia vaiou o Duque de Bragança pela sua condescendência para com os Miguelistas, com os portuenses do Porto ainda a recordar os duros tempos do Cerco.

10. BOLLAERT, 1870a.

# Fontes e Bibliografia

## Fontes

«CHRONICA Constitucional do Porto». Porto: Typographia Gandra e Filhos. (jul.-dez. 1832).

«CHRONICA Constitucional do Porto». Porto: Typographia Gandra e Filhos. (jan.-dez. 1833).

«O ARAUTO PORTUENSE». Porto: Typographia Gandra e Filhos, 1832.

ALEXANDER, James Edward (1835). *Sketches in Portugal, during the civil war of 1834*. London: James Cochrane and Co. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

BADCOCK, Lovell (1835). *Rough leaves from a Journal kept in Spain and Portugal, during the years 1832, 1833 & 1834*. London: Richard Bentley. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

BOLLAERT, William (1870a). *The Wars of Succession of Portugal and Spain, from 1826 to 1840: With Résumé of the Political History of Portugal and Spain to the Present Time*. London: Edward Stanford. Vol. I. *Portugal*. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

BOLLAERT, William (1870b). *The Wars of Succession of Portugal and Spain, from 1826 to 1840: With Résumé of the Political History of Portugal and Spain to the Present Time*. London: Edward Stanford. Vol. II. *Spain*. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

CAMPAGNE de six mois dans le Royaume des Algarves, en Portugal. Bruxelles: J. de Mat, Imprimeur-Libraire, 1834. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

ESCLARECIMENTOS sobre a Guerra Civil de Portugal, o sitio do Porto, e a morte de S. M. Imperial O Senhor D. Pedro, Duque de Bragança de saudosa memoria, escriptos por um estrangeiro. Lisboa: Na impressão de Galhardo e Irmãos, 1838. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

HISTORIA ABREVIADA do Cerco da cidade do Porto durante os annos de 1832. Lisboa: Jornal do Exercito Portuguez, 1841. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

HODGES, G. Lloyd (1833). *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, under the orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*. London: James Fraser, vols. I e II. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

KNIGHT, T. (1834). *The British Battalion at Oporto: with Adventures, Anecdotes, and Exploits in Holland; at Waterloo; and in the Expedition to Portugal*. London: Effingham Wilson; Edinburgh: Waugh and Innes; Glasgow: Thomas Murray. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

LISTA GERAL dos Officiaes do Exercito Libertador referida ao dia 25 de Julho de 1833. Lisboa: Typ. de A. J. C. da Cruz, 1835. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

MANIFESTO de sua Magestade Fidelissima El Rei Nosso Senhor o Senhor D. Miguel I. Lisboa: Imprensa Regia, 1832. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

MINS, Peter (1833). *A Narrative of the Naval Part of the Expedition to Portugal, Under the Orders of His Imperial Majesty, Dom Pedro, Duke of Braganza*. London: Sherwood, Gilbert, and Piper. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

NAPIER, Charles (1836). *An Account of the War in Portugal between Don Pedro and Don Miguel*. London: T. & W. Boone, vol. I. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

NOTICIA OFFICIAL das Operações do Exército Libertador. Porto: Typographia Gandra e Filhos, 1833.

ORDENS DO DIA do Exército de D. Miguel. Porto: [s.n.], 1832.

ORDENS DO DIA do Exército de D. Pedro. Porto: Typographia Gandra e Filhos, 1832.

OWEN, Hugh (1836). *The Civil War in Portugal, and the Siege of Porto*. London: Edward Moxon. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

REVISTA HISTORICA de Portugal, desde a morte de D. Joao VI até o fallecimento do Imperador D. Pedro. Porto: Typographia Commercial, 1846. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

SHAW, Charles (1837). *Personal Memoirs and Correspondence of Colonel Charles Shaw [...]*. London: Henry Colburn Publisher, vols. I e II. Disponível em <<https://archive.org>>.

SORIANO, Simão José da Luz (1846). *Historia do Cerco do Porto*. Lisboa: Imprensa Nacional, vols. I e II. Disponível em <<https://books.google.pt>>.

## Bibliografia

LORETTE, Jean (1951). *Les Expéditions militaires belges au Portugal en 1832 et 1833*. Brussels: Éditions Universitaires.

OMBONI, Tito (1855). *Avvenimenti militari e politici dell'ultimo mezzo secolo dell Portogallo*. «Revista Enciclopedica Italiana». III, 215-250.

SAINT-PARDOUX, Barão de (1835). *Campagnes de Portugal en 1833 et 1834. Relations des principaux évènements et des opérations militaires de cette guerre*. Paris: Depot Central de La Librairie et de La Musique.